

PRINCIPAIS ELEMENTOS DO PESSIMISMO SCHOPENHAUERIANO

KARLA SAMARA S. SOUSA. Mestranda em Ciências das Religiões pela UFPB

Resumo: *O presente artigo traz a lume os principais elementos do pessimismo de acordo o filósofo Arthur Schopenhauer. Segundo ele, não existe em toda natureza, superação e bondade intrínseca, pelo contrário, o que nela prevalece é um ímpeto cego corrosivo, irracional denominado Vontade, que sedenta pela vida em todas suas formas, oscila entre a satisfação e a necessidade. Por isso habitamos no ‘pior dos mundos possíveis’, cujo ideal seria não termos nascido. A Vontade desregrada se objetiva no corpo, fazendo com que cada indivíduo se torne escravo na saciação de seus desejos. Neste cenário, surge o egoísmo, a guerra de todos contra todos, donde se conclui: o sofrimento é universal. Não existe felicidade, o que há são momentos fugazes de satisfação em meio às inúmeras privações que sentimos. Positivo na visão schopenhaueriana é a dor, só ela preenche a vida.*

Palavras-chave: Pessimismo. Vontade. Sofrimento.

Abstract: *This article brings to light the main elements of pessimism according philosopher Arthur Schopenhauer. According to him, there is throughout nature, resilience and intrinsic goodness, on the contrary, what prevails is it a blind thrust corrosive, irrational named Will, who thirst for life in all its forms, oscillates between satisfaction and need. Why dwell on the ‘worst of all possible worlds’, whose ideal would not be born. Will be objectively disordered in the body, causing each individual to become a slave in the satiation of their desires. In this scenario, there is selfishness, the war of all against all, it is concluded: suffering is universal. There is no happiness, there are only fleeting moments of satisfaction among the many hardships we feel. Positive vision Schopenhauer is the pain, she just fills life.*

Keywords: Pessimism. Will. Suffering.

1 - Da existência à origem do sofrimento

O problema enfrentado por Schopenhauer que transparece a atmosfera de sua especulação filosófica não é elemento novo na história da Filosofia, a saber, o verdadeiro fim último da vida, um fim que não seja considerado ilusório, bem como a inquietação que surge diante do sentido que damos à vida. Deste modo,

A filosofia de Schopenhauer é a expressão absoluta, filosófica, deste estado íntimo do homem moderno. O ponto central de sua teoria é que a essência metafísica do mundo e de nós mesmos encontra expressão geral e decisiva na vontade. A vontade é a substância de nossa vida subjetiva, pois o que é absoluto no Ser, é um impulso incessante, um contínua superação de si mesmo¹.

Confrontando o pensamento de Schopenhauer com outras reflexões percebemos que muitas delas complicaram tal busca por suas diversas respostas. Entretanto, para o âmago mais profundo da natureza humana, nenhum sentido foi tão consistente. O cristianismo, por exemplo, ao afirmar a salvação da alma e conseqüente entrada no reino divino como fins absolutos à vida, tornou-se algo obsoleto numa humanidade tão secularizada como a moderna.

Do ponto de vista interior, a falta de um valor definitivo abre portas à angústia e ao vazio; a sensação de incompletude perturba o homem em face da confusão das soluções apontadas². Sob a égide do pessimismo³, a questão do verdadeiro sentido seria que não existe sentido algum.

A filosofia de Arthur Schopenhauer exprime em sua *Metafísica da Vontade*⁴ esse obscurantismo de sentido supracitado. O que, de fato, preenche a vida incide diretamente sobre nossa existência e essa, antes de qualquer furor de alegria, na visão schopenhaueriana é mordaz e desoladora. A Vontade condenada a estar eternamente insatisfeita não encontra nada que a satisfaça; de forma astuciosa se mascara em mil fenômenos, persegue cada um sem descanso, esgota-os sem cessar.

Sem nenhum fim último, a vida é regida por essa Vontade que atua de forma constante e que

¹ SIMMEL, G. *Schopenhauer e Nietzsche*, p. 15-16.

² Cf. SIMMEL, G. *Schopenhauer e Nietzsche*, p. 15

³ A obra *Metafísica do Sofrimento do Mundo* esclarece o significado do termo pessimismo com o intuito de evitar qualquer sentido pejorativo do mesmo: “Falemos do pessimismo como filosofia, como doutrina filosófica que entende uma tendência a considerar preferentemente o lado pior da realidade em particular, a doutrina, segundo o qual o ser, em todas suas manifestações (mundo, vida, história) está desprovido de sentido” (REDYSON, 2009, p. 13).

⁴ Apresentaremos Vontade com ‘V’ maiúsculo enquanto ímpeto cego que motiva as coisas de vontade com ‘v’ minúsculo como a vontade-de-viver.

nunca levará a uma satisfação e felicidade permanente. “A ausência de todo fim e limite pertence à essência da Vontade em si, que é um esforço sem fim”⁵.

Schopenhauer examina o sentido trágico da existência se debruçando na concepção de sofrimento universal. Ele explicita que

A vida do indivíduo, quando vista no seu todo e em geral, quando apenas seus traços mais significativos são enfatizados, é realmente uma tragédia. [...] os desejos nunca satisfeitos, os esforços malogrados, as esperanças pisoteadas cruelmente pelo destino, os erros desafortunados de toda a vida junto com o sofrimento crescente e a morte ao fim, sempre nos dão uma tragédia⁶.

Para Muriel Maia⁷, em Schopenhauer o que inquieta é a “[...] intensidade com que – em todo o seu corpo – sentiu a vida e, para a decifrar apresentou-a na sua inapelável crueldade. Dores, ilusões e infortúnios são intrínsecos à condição humana quanto o ar que se respira e o sangue que correm as veias. A existência humana quanto a animal vista sob o duplo aspecto da vontade e da representação, fada-se ao sofrer. Cacciola (1994) ratifica que a unidade da Vontade em si transpassa harmonia, porém quando assimilada pela via da representação, torna-se conflito eterno⁸. Assim o autor do MVR afirma:

[...] Queremos considerar na existência humana o destino secreto e essencial da Vontade. (...), e assim nos convencer suficientemente de como, em essência, incluindo-se também o mundo animal que padece, *‘toda vida é sofrimento’*⁹.

Observando a natureza, Schopenhauer constata sua intuição fundamental: o mundo inteiro vive em guerra perpétua pela existência. Vemos “por toda parte vemos luta, combate e alternativa de vitória”¹⁰. A Vontade, o núcleo desses processos, acentua sua visão pessimista da existência. Em ca-

⁵ SCHOPENHAUER, A. MVR I, §29, p.230.

⁶ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 58, p. 414-415.

⁷ Cf. MAIA, M. *A outra face donada: sobre o conhecimento metafísico na estética de Arthur Schopenhauer*, p. 19.

⁸ Como ambos os pontos de vista são complementares, há uma referência recíproca necessária de ambos, já que se trata do mesmo mundo. Assim, do ponto de vista da representação, o conflito refere-se a essência da Vontade e ao seu desdobramento, que permite a passagem do uno ao múltiplo; e, do ponto de vista da Vontade, há uma referência à multiplicidade fenomênica quando se fala da harmonia da natureza (cf. CACCIOLA, 1994, p. 88).

⁹ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 56, p. 400.

¹⁰ SCHOPENHAUER, A. MVR I, §27, p. 211.

deia, os fenômenos disputam a matéria, no espaço e no tempo. O mundo das plantas serve de alimento ao mundo animal, este sugado pelos indivíduos torna-se presa a um outro e assim sucessivamente. Restam somente os cadáveres e excrementos para os mais fracos; os mais fortes saboreiam a energia advinda de outrem, vencem momentaneamente, fortalecendo seu violento instinto de usurpação. A perspectiva do conflito explica como os graus superiores da Vontade superam os graus inferiores. Cacciola¹¹ menciona como isso é comum na natureza:

Eis por que há alternância entre saúde e doença, que seria a interrupção do sentimento de bem-estar próprio da primeira. A saúde expressa o domínio sobre as forças físicas e química, e a doença é um estado que se explica pela resistência dessas forças ao grau superior de objetivação da Vontade¹².

Schopenhauer ainda profere que na evolução dos seres na escala fenomênica, os seres mais simples sofrem menos que os seres mais complexos. Isso ocorre devido

[...] À proporção que o conhecimento atinge a distinção e que a consciência se eleva, aumenta o tormento, que conseqüentemente, alcança seu grau supremo no homem, e tanto mais, quanto mais ele conhece distintamente, sim, quanto mais inteligente é¹³.

Por isso, os gênios possuidores de uma sensibilidade aguçada tendem ao sofrimento bem mais que os seres do mundo inorgânico. Tomas Brum¹⁴ analisa, nessa perspectiva do pensamento schopenhaueriano, uma relação entre a consciência e o sofrimento; o intelecto intervém no jogo das representações, a dor é então sentida de perto.

Esse modo de conceber a existência inquieta cada ser vivo, pois nesse ponto de vista, a vida é mantida sob a tutela do querer de terceiros. “Segue-se então que a dor e a destruição fazem parte da ordem das coisas, tudo decretado pelo mundo da vontade, criminalmente indiferente ao destino dos indivíduos”¹⁵ Thomas Brum¹⁶ respalda o poder devastador da Vontade em termos morais: “projetando uma conclusão moral no mundo da vida das espécies, vê essa ‘guerra de todos contra todos’ como

¹¹ Cf. CACCIOLA, M. L. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*, p. 66.

¹² CACCIOLA, M. L. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*, p. 66.

¹³ SCHOPENHAUER, A. MVR I, §57, p. 400.

¹⁴ Cf. Brum, J. T. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*, p. 32.

¹⁵ REDYSON, D. *Metafísica do Sofrimento do Mundo*, p. 53.

¹⁶ Cf. Brum, J. T. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*, p. 25.

um mal radical e a demonstração do caráter culpado e nocivo da vida”¹⁷A desavença da Vontade consigo mesma imputa-lhe um ar insípido e conflitante. No limite ela é autodiscórdia, que, em sua cega e impetuosa fome de existência, crava os dentes na própria carne, como compara Schopenhauer:

[...] Exatamente com a mesma necessidade com a qual a pedra cai para a terra é que o lobo faminto crava os dentes na carne da presa, sem a possibilidade de conhecer que ele é tanto o caçador quanto a caça¹⁸.

O relato schopenhaueriano acerca da miserável condição humana é contundente, suplantando toda utopia de esperança¹⁹ que possa melhorá-la. O homem não é um ser de bons frutos, que possa recuperar-se de suas feridas. Segundo Schopenhauer, “sua índole não é passível de nenhuma verdadeira bem-aventurança, mas em essência é um sofrimento multifacetado e um estado desafortunado em variados aspectos [...]”²⁰.

Schopenhauer sublinha o teor negativo da vida, aponta sua decadência, mas não afirma que são momentos imanentes de sua obra. Longe dessas frivolidades, o pessimismo embutido na obra do referido filósofo é intelectual, ele nos conduz à uma reflexão sobre a falta de sentido da vida e da Vontade em suas diversas manifestações.

Mas afinal, o que é a vida para Schopenhauer? Em suma, ela é

Uma luta constante por essa existência mesma, com a certeza de ao fim serem derrotadas. O que as faz, por tanto tempo, travar essa luta árdua não é tanto amor à vida, mas sim temor à morte, que, todavia, coloca-se inarredável no pano de fundo, e a cada instante ameaça entrar em cena²¹.

Uma saída lógica seria o aniquilamento da vida que simultaneamente destruiria a Vontade. Schopenhauer compreende que o sentido da vida enquanto Vontade (fonte do sofrer) vai além da ges-

¹⁷ Cf. Brum, J. T. *O pessimismo e suas vontades*: Schopenhauer e Nietzsche, p. 26.

¹⁸ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 70, p. 510.

¹⁹ Importante este esclarecimento, pois muitos estudiosos interpretam na filosofia schopenhaueriana uma espécie de recuperação e melhoramento do homem, principalmente em sua ética. Não seguiremos este viés neste trabalho. Sendo fiel ao itinerário pessimista de seu pensamento, entendemos que, suas premissas não requerem esperança ou consolo, “o pessimismo aí mostra a miséria e o lamento; ele próprio, não é de modo algum lamuriento” (MAIA, 1991, p. 20). Ou seja, “desespero, consolo, ou esperança só são compreensíveis quando se trata da vida e do homem”. (MAIA, 1991, p. 20).

²⁰ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 59, p. 416.

²¹ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 57, p. 403.

tação e morte das formas vivas. O espetáculo é eterno, o ciclo não cessa, a treva é ininterrupta, “o mundo é, em si, Vontade em sua incondicional afirmação da vida e, como tal, sofrimento, auto-estralhamento, destruição e morte”²².

2 - Dor e satisfação, o itinerário ilusório da felicidade

Na concepção do mundo como Vontade, o homem não encontra saída para o sofrimento, o que o impele “o sujeito do querer, conseqüentemente, a está sempre atado à roda de Íxion²³ que não cessa de girar [...]”, ilustra Schopenhauer²⁴. Quando queremos algo e satisfazemos tal desejo, de imediato sentimos prazer, do contrário se este desejo não for realizado, surge a dor. Por mais que o indivíduo tente furtar-se desse círculo vicioso,

Quando finalmente tudo foi transposto e alcançado, nada pode ser ganho senão a libertação de algum tipo de sofrimento, ou de algum tipo de desejo, portanto encontramos-nos na mesma situação anterior ao aparecimento deles²⁵.

A vontade saciada em um momento apetece logo depois não produzindo satisfação completa. “O momento em que o desejo e seu objeto se encontram só pode ser o começo de uma nova volição, já que também o objeto, no fundo, é o mesmo Ser da vontade que tem aspirações” (SIMMEL, 2000, p.65-66). A existência galgando este caminho é, em essência, necessidade e dor; em toda caso, afirma nosso filósofo, a saciação passageira leva ao tédio, e outras necessidades sempre surgirão. Essa alternância entre o querer interminável e a satisfação passageira revela o quão a felicidade é ilusória. Schopenhauer descreve:

Suficiente feliz é quem ainda tem algo a desejar, pelo qual se empenha, pois assim o jogo da passagem contínua entre o desejo e a satisfação e entre esta e um novo desejo – cujo transcurso, quando rápido, se chama felicidade, e quando lento se chama sofrimento – é mantido, evitando-se aquela lassidão que se mostra como tédio terrível, paralisante, apatia cinza sem objeto definido, *languor* mortífero: – Em conformidade com tudo isso, onde o conhecimento a ilumina, a Vontade sempre sabe o quer aqui e agora, mas nunca o que quer em geral. Todo ato isolado tem um fim: o

²² MAIA, M. *A outra face do nada*: sobre o conhecimento metafísico na estética de Arthur Schopenhauer, p. 27.

²³ Na mitologia grega, Íxion tentou se envolver afetivamente com Hera, esposa de Zeus, e é por este condenado a girar eternamente numa roda flamejante (SCHOPENHAUER, MVR, § 37, p. 266).

²⁴ SCHOPENHAUER, A MVR I, § 37, p. 266.

²⁵ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 37, p. 266.

querer completo não²⁶.

Nesse pessimismo metafísico o mundo é ‘o pior dos mundos possíveis’ diria Schopenhauer em oposição ao otimismo leibniziano, em sua monadologia. Na alternância entre os desejos saciados e o surgimento incessante de outros, a Vontade move-se em uma cadeia de aspirações infinitas que conduzem ao sofrimento, ou senão quando esse desejo for satisfeito logo surge o tédio, a apatia, dor muito pior do que o necessitar. A vida, “portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio, os quais em realidade são seus componentes básicos²⁷.”

Deyve Redyson, na obra *Metafísica do Sofrimento do Mundo*, considera precursora a visão pessimista da filosofia schopenhaueriana, segundo a qual “neste mundo não há realização completa e muito menos a felicidade completa, o mundo é apenas uma pseudo verdade que vivemos, e vivendo esta pseudo verdade vamos nos enganando, isto é , vivendo”²⁸

A insaciabilidade da Vontade, considerando-a, uma subtrai toda harmonia. É na vontade de viver que ela violentamente “enterra os dentes na sua própria carne”²⁹ suprimindo sua necessidade de forma momentânea, “mas ela nunca encontra nada que não seja ela mesma, pois, nada há fora dela” (SIMMEL, 2000, p. 65). Por isto, é na espécie humana, por possuir consciência, o ápice deste auto-consumo. “Os homens consideram que toda a natureza existe para eles, e entre eles se agiganta [...] a guerra de todos contra todos” (SIMMEL, 2000, p. 65).

Pela ação da Vontade, Schopenhauer atenta que a felicidade não passa de uma ilusão, o sofrimento cru é o único ‘bem’ que está ao nosso alcance. Em si, a Vontade não busca um *telos*³⁰ preciso, e na última das hipóteses almeja a insaciabilidade. Velejamos nessa linha tênue entre momentos felizes e momentos de dor. Aparentemente cada ato da Vontade que se mostra no mundo fenomênico tem finalidade e objetivo, todos os homens pensam que sabem o que querem, entretanto o querer individual aparenta compreender-se por si mesmo, que não ultrapassam os limites do tempo, espaço e causalidade.

²⁶ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 29, p. 231.

²⁷ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 57, p. 402.

²⁸ REDYSON, D. *Metafísica do sofrimento do mundo*, p. 15.

²⁹ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 70, p. 510.

³⁰ A Metafísica da Vontade quando identifica a coisa-em-si com a Vontade, faz saber que não existe qualquer propósito ou finalidade para o mundo. Cacciola comparando o ateísmo ao mundo visto como Vontade afirma: “Se o ateísmo e o mundo visto como Vontade exigem-se mutuamente, descartando o ‘bom *telos*’, o mundo perde qualquer sentido e finalidade. Nem a mera aparência, nem a atividade cega podem justificar o bem. Em contrapartida, o mal e o sofrimento, além de serem empiricamente constatados, recebem legitimidade plena a partir da concepção da Vontade como atividade incessante que jamais encontra repouso ou satisfação.

O menos infeliz é aquele que consegue suportar as dores do mundo. Ora, mas o que seria uma vida feliz? O máximo que o homem consegue, afirma Schopenhauer, é uma ínfima recompensa diante as dificuldades enfrentadas. De acordo com o autor do MVR,

Naquilo que concerne à vida do indivíduo, cada história de vida é uma história de sofrimento, Cada decurso de vida, via de regra, uma série contínua de pequenos e grandes acidentes, ocultando tanto quanto possível pela pessoa, porque sabe que os outros raramente sentirão simpatia ou compaixão, mas quase sempre contentamento pela representação dos suplícios dos quis exatamente agora se isentam³¹.

A sensação de vitória aplaca o espírito; o que anteriormente era uma ausência, agora fora preenchido. Mas por quanto tempo? Por uma fração de segundos, minutos, ou melhor, até que surja outra necessidade. Pernin afirma que mesmo neste sentido, “não há alegria, pois cada vitória significa uma perda de energia, correspondente a quantidade de força subjugada”³². Depois, entramos em desespero: ‘ainda falta algo’, ‘preciso possuir aquilo’, ‘não atingi a meta imaginada’ e assim por diante. É neste sentido que para Schopenhauer,

É tão impossível a vontade deixar de querer de novo através de uma satisfação, quanto é o tempo findar ou começar. Inexiste para ela um preenchimento duradouro, para todo o sempre satisfatório e que coroaria os seus esforços³³.

Deyve Redyson sintetiza o pessimismo schopenhaueriano com as seguintes palavras:

[...] Toda a filosofia de Schopenhauer é pessimista, onde a vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana, ao mesmo tempo é a raiz de todos os sofrimentos e mazelas, pois esta vontade é concebida no sistema de Schopenhauer sem qualquer meta ou finalidade, um querer irracional, uma vontade cega de viver³⁴.

³¹ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 57, p. 417.

³² PERNIN, M. J. *Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo*, p. 103.

³³ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 65, p. 462.

³⁴ REDYSON, D. *Metafísica do sofrimento do mundo*, p. 56.

Schopenhauer projeta na tríade vontade-carência-sofrimento o cerne de seu pessimismo. Segundo Jarlee de Oliveira “o raciocínio que condena a existência humana é desoladamente simples: O mundo é vontade; vontade representa carência e carência é sofrimento”³⁵. Amiúde, a felicidade não é algo positivo, ela passa a integrar o lado negativo da vida, o que há de positivo é a dor. Schopenhauer explica este sentido negativo da felicidade como a necessidade de “satisfação de um desejo; pois o desejo, isto é a carência, é condição prévia de todo prazer”³⁶. Referente à positividade da dor, ele argumenta que esta é sentida de imediato, diferentemente da carência, que só é lembrada pela recordação do sofrimento. A sensação descrita, ao se alcançar bens e vantagens, é apenas de preenchimento de um espaço negativo de privação. “Somente após os perdermos é que nos tornamos sensíveis ao seu valor, pois a carência, a privação, o sofrimento são de fato o positivo [...]”³⁷.

O quadro contrasta-se com o apego exasperado que temos a vida. Por mais que a vida seja um negócio que não vale à pena investir, insistimos em cultivá-la, mesmo a morte sendo seu destino certo.

Cada respiração nos defende da morte, que constantemente nos aflige e contra a qual, desse modo, lutamos a cada segundo, bem como lutamos nos maiores espaços de tempo mediante a refeição, o sono, o aquecimento corpóreo, etc. Portanto, tanto apego é irracional³⁸.

A Vontade faz da vida sua sombra, seu pórtico de experiência. O amor à vida pulsa tão fortemente, se agarra as entranhas dos seres de forma inconsciente ao ponto de demonstrar a completa irracionalidade da Vontade. Segundo Pernin esse apego ocorre em todas as etapas da objetivação da Vontade.

Avara desde o início, ela conserva e mantém os seres inanimados no mesmo estado: depois, entre os vivos, em geral, preocupada com a manutenção de todas as espécies, torna-se ‘a violência impaciente do instinto sexual’ e a força surpreendente do amor materno, pela potencia motora das quais os indivíduos são levados, e, muitas vezes sacrificados, reduzidos à posição de simples meios de espécies. No homem, particularmente, essa vontade se torna horror à morte, com o cortejo das emoções que o acompanham: revolta, alegria de escapar do perigo, pavor glacial diante o cadáver... E tudo isso, qualquer que seja o grau de miséria da existência que se deve salvar, preservar e abandonar [...]”³⁹.

³⁵ SALVIANO, J. O. O niilismo schopenhaueriano, p. 58.

³⁶ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 58, p. 411.

³⁷ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 58, p. 411.

³⁸ PERNIN, M. J. Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo, p. 102.

³⁹ PERNIN, M. J. *Schopenhauer*: decifrando o enigma do mundo, p. 103.

3 - Sob o véu da individualidade, nasce o egoísmo

Em nome da afirmação cega da Vontade, cada indivíduo vê-se dono e senhor de si, travando suas garras sobre o que o rodeia. Isso ocorre quando “o intelecto, através do princípio de individuação, acaba por perceber nas coisas apenas *motivos*, promovendo, se necessário for, a infelicidade, a destruição das outras individualidades em nome do bem-estar do *eu*, da *egoidade*”⁴⁰. Por isso a filosofia de Schopenhauer demonstra o semblante exato da forma narcisista do egoísmo humano.

Schopenhauer, considerando a vida sinônimo de sofrimento, a compreende enquanto dor, sofrimento e luta sem trégua. Não é possível viver sem experimentar o sofrimento, diria nosso filósofo, pelo simples motivo que substancialmente perseguimos um querer egoísta. Do ponto de vista dos fenômenos, o indivíduo enclausura-se no espaço e no tempo, sob o princípio de causalidade: suas ações não passam de estratégias ilusórias determinadas por desejos egoístas, sem jamais satisfazê-lo permanentemente.

Schopenhauer trata o egoísmo como um querer desmedido, fonte de dor e de sofrimento. Assim ele afirma:

[...] Cada indivíduo, que desaparece por completo e diminui ao nada em face do mundo sem limites, faz, no entanto de si mesmo o centro do universo, antepondo a própria existência e o bem-estar a tudo o mais, sim, do ponto de vista natural está preparado a sacrificar qualquer coisa, até mesmo a aniquilar o mundo, simplesmente para conservar mais um pouco o próprio si-mesmo, esta gota no meio do oceano. Eis aí a mentalidade do *egoísmo*, o qual é essencial a cada coisa da natureza⁴¹.

O egoísmo busca manter o preço da individualidade a todo custo. O que dilacera o sofrimento no egoísta está no fato deste alimentar e até se identificar seu si-mesmo com meios e fins que não passam de uma sombra, de uma ilusão. Assim, ele está eternamente insatisfeito, entregue a efemeridades.

A descrição que Schopenhauer faz do egoísta é incisiva. Para o egoísta há uma “diferença absoluta entre o eu e o não-eu, segundo as indicações da consciência individual”⁴².

Poder-se-ia pensar que a Vontade, enquanto coisa-em-si, entra em contradição consigo mesma

⁴⁰ Cf. SALVIANO, J. O. *O niilismo schopenhaueriano*, p. 79, grifos do autor.

⁴¹ SCHOPENHAUER, A. MVR, § 61, p. 426-427.

⁴² PERNIN, M. J. *Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo*, p. 155.

sob a pena do egoísmo. Ela, para se manifestar no interior de cada um, submeter-se-ia à algo que lhe é inferior, a lei formal do princípio de individuação (tempo e espaço)? Schopenhauer responde recorrendo à relação entre o microcosmo que é o indivíduo diante o macrocosmo que é a Vontade, e ao o duplo aspecto da vontade e da representação. Segundo ele, em cada um fica cravada toda a afirmação cega da vontade e toda a inteligência representativa, enquanto que os outros, que lhes são exteriores, aparecem apenas como representações.

Contudo, enquanto cada um é dado a si mesmo imediatamente como Vontade inteira, e como sujeito inteiro que representa, os outros seres lhe são dados meramente como suas representações; em consequência, o ser e a representação próprios são antepostos a todo os outros em conjunto⁴³.

Sendo a índole da existência humana o egoísmo, de imediato desencadeia-se no mundo a cobiça, o sarcasmo da miséria. O indivíduo vê-se então exasperado por conflitos e sentimentos ignóbeis: raiva, ódio, repulsa, tirania são os principais sintomas deste estado. Como cada um pensa da mesma forma, todos se chocam em torno desta áspera inclinação-comum. Salutar é que, para manter seu bem estar e conservar sua existência o egoísta livra-se a qualquer custo dos obstáculos que possa impedi-lo, inclusive exterminar, o outro se preciso.

Ao egoísta extremo, os ímpetus volitivos mais veementes persistem mesmo diante à conquista de toda felicidade. No fundo, este se engrandece, não pelo sofrimento dos demais que gera para atingir os fins de sua própria Vontade, no fundo ele se regozijam, afirma Schopenhauer, pelo sofrimento alheio em si mesmo. O sentimento próprio deste egoísmo exacerbado revela, à luz do conhecimento, o indivíduo enxerga uma discrepância entre o que é sentido em sua completa satisfação, com o que sua vontade ainda potencialmente poderia cobiçar. Daí se concluiria: aquilo que não tenho posse, ao outro já pertence. Porém, essa disposição, segundo nosso filósofo, pouco significa. Neste grau mais elevado de egoísmo, “a recordação de sofrimentos maiores que os nosso pacifica a dor, vale dizer, a visão do sofrimento alheio alivia o nosso”⁴⁴. O fenômeno da Vontade inextirpável torna-se clarividente no homem, repleto de apetites insaciáveis, nele o suplício da dor vai além de toda medida, o alívio passa a ser o deleite do sofrimento de outrem.

Desse tormento interior que lhes é inteiramente imediato e essencial procede, por

⁴³ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 61, p. 427.

⁴⁴ SCHOPENHAUER, A. MVR I § 65, p. 464.

fim, até mesmo a alegria desinteressada no sofrimento alheio, nascida não somente do mero egoísmo, e que é propriamente a *maldade*, a qual creste até a *crueledade*⁴⁵.

A repugnância pelo outro é descaradamente o ponto forte do egoísmo; para que o egoísta alimente seu famigerado instinto volitivo, ele necessita da sombra dos demais. Em tese, ele contamina sua consciência, fazendo com que o agente da maldade, ele mesmo, pense ser totalmente diferente dos outros indivíduos, quando não o é. As dores extrínsecas a si, lhe parecem estranhas, mas no fundo são resultado da mesma Vontade. Por outro lado, quando a Vontade do indivíduo se afirma muito além dos seus limites (um grau de força maior) o malogro é inquestionável, este se prende à vida e nela se enterra, aumentando seu sofrimento.

A afirmação cega da Vontade arrasta o indivíduo para um abismo vertiginoso, atesta Muriel Maia. Do ponto de vista interior tudo o que ele sente, sente enquanto ser vivo, e como tal, no próprio sentimento, tudo a ele se agarra de modo positivo, e sendo assim, o indivíduo profere: “eu quero a vida egoisticamente no meu sentimento e afirmo-a como se fosse a senhora do mundo”⁴⁶

A afirmação cega da Vontade faz do indivíduo um verdadeiro fantoche na concretização de seus anseios, mas também nele imprime todo seu domínio. Como uma faca de dois gumes, a individualidade é, de um lado, a expressão ordinária do sofrimento, e de outro, aspiração obstinada à vida com todas suas vicissitudes.

4 - Bases fundamentais do pessimismo schopenhaueriano

São várias as nuances do pensamento schopenhaueriano que apontam o pessimismo como necessidade de seu edifício filosófico. A mais nítida em sua obra se remete ao entendimento do mundo como uma “representação ilusória da realidade identificada com a Vontade”⁴⁷. A Vontade proclama que todo desejo satisfeito dá ensejo a um outro, não havendo escopo final para suas necessidades. A existência se dirige a um interminável esforço, tendo a morte como a única perspectiva. Nesse sentido, Schopenhauer considera que tudo na vida fada-se à frustração, e, em última análise, ao engano.

⁴⁵ SCHOPENHAUER, A. *MVRI*, §65, p. 463.

⁴⁶ MAIA, M. *A outra face do nada: sobre o conhecimento metafísico na estética de Arthur Schopenhauer*, 82.

⁴⁷ REDYSON, D. *Metafísica do Sofrimento do Mundo*, p. 55.

O exame que o filósofo de Danzig faz do mundo merece atenção. Neste âmbito ele menciona argumentos que encerram o valor da existência humana. A existência humana é repleta de sofrimento, preferível seria sua inexistência. A fundamentação para o pessimismo filosófico aqui constatado se alicerça em duas teses vinculadas entre si: a concepção que “para cada indivíduo teria sido melhor não existir”⁴⁸ e a de que “o mundo como um todo é o pior dos mundos possíveis”⁴⁹. Schopenhauer parte da ideia que, durante toda a vida, o homem persegue fins, devido a uma constelação de privações por ele sentida, a satisfação almejada é puramente negativa, o valor positivo está na cessação do sofrimento. Seguindo sua ótica, que nenhuma satisfação, por maior que seja, deve compensar o sofrimento enfrentado. Schopenhauer considera que

A mera existência do mal no mundo o torna algo cuja inexistência é preferível a existência, devemos desejar não somente que não tivéssemos nascido, mas que este mundo no qual devemos sofrer nunca tivesse vindo a existência. Levando-se em conta todos os dados, nossa condição é algo que seria melhor que não existisse⁵⁰.

Para Christopher Janaway⁵¹ este argumento schopenhaueriano apresenta-se radical. Nossa vida não tem uma razão de ser, nenhuma satisfação atenua o mal de um único infortúnio. Deste modo ele afirma: “A premissa crucial necessária para isso é que todo sofrimento contido numa vida torna a inexistência preferível a essa vida” (JANAWAI, 2004, p. 140). Mas também levemos em consideração que não há garantias de que a existência seja melhor do que a inexistência. As vidas individuais, se tomadas a cálculo, preferem inexistir em sua grande maioria, se comparadas as que optam por existir. Essa prerrogativa suplanta a hipótese anteriormente imaginada. Amiúde, a ideia absoluta de que toda satisfação é negativa deve ser questionada, pois “enquanto o sofrimento é *sentido*, a satisfação é uma mera restituição da neutralidade”⁵². Assim ele explica:

É verdade que, por maior que seja seu número, os aspectos felizes da vida não anulam o valor dos aspectos em que se sofre; mas deveria ser igualmente verdadeiro que o mero fato do sofrimento não anula o valor dos aspectos da vida nos quais não se sofre, e que podem se chegar a ser bem numerosos⁵³

⁴⁸ REDYSON, D. *Metafísica do Sofrimento do Mundo*, p. 55

⁴⁹ REDYSON, D. *Metafísica do Sofrimento do Mundo*, p. 55.

⁵⁰ SCHOPENHAUER apud REDYSON. *Metafísica do sofrimento do mundo*, p. 55-56.

⁵¹ Cf. JANAWAI, C. *Schopenhauer*, p. 140-141.

⁵² JANAWAI, C. *Schopenhauer*, p. 140-141.

⁵³ JANAWAI, C. *Schopenhauer*, p. 140-141.

A segunda tese que endossa o pessimismo schopenhaueriano se contrapõe ao otimismo difundido entre as filosofias precedentes, especialmente a de Leibniz e a Hegel. Trata-se de um ataque frontal a fórmulas do progresso e do bem-comum. Schopenhauer pronuncia:

Considere possível como significado aquilo que pode de fato existir e perdurar. Então como este mundo está organizado tal com teve de ser para poder continuar com grande dificuldade a existir, isto é, absolutamente impossível. Logo, este é o pior dos mundos possíveis⁵⁴.

Em favor deste argumento, o autor do MVR aponta as mazelas que sufocam o mundo, a exemplo da extinção de algumas espécies, colapsos na própria natureza que dificultaria a continuidade da raça humana. Haveria a existência de outros mundos possíveis isentos de catástrofes como este? A filosofia schopenhaueriana não responde. Temos tão somente como indubitáveis as transformações neste mundo para o pior, e seu caminho à destruição. Nosso filósofo antecipa a atual concepção de que as condições para se manter a vida neste planeta são bem desfavoráveis. “Mas se Schopenhauer tivesse razão, essa visão seria insustentável: o fim do mundo teria de estar tão próximo agora quanto sempre pode estar – e parece não haver motivo para aceitar essa visão extrema”⁵⁵.

O pessimismo apresentado na filosofia de Schopenhauer é preciso e bem alicerçado. Segundo ele, habitamos em um mundo real, somos seres vivos finitos, sedentos por uma vontade de viver eterna⁵⁶. A saber, cairíamos em erro se acreditássemos que nosso destino não é sofrer, que merecemos a felicidade, que o mundo deve realizar nossos propósitos e, principalmente, que estar vivo seria um prêmio de sorte. O relato schopenhaueriano corrobora a ausência de valor da vida, alega que a raiz do mundo e da conduta humana é a Vontade; que é, ao mesmo tempo a “raiz de todos os sofrimentos e mazelas, pois esta vontade é concebida no sistema de Schopenhauer sem qualquer meta ou finalidade, um querer irracional, uma vontade cega de viver” (REDYSON, p. 2009, 56).

A vontade de viver, como a verdadeira substância da realidade, é impulso que se impele em todo ser para perpetuar o máximo possível a existência, mas também é força arrebatadora que se faz presente como instinto de sobrevivência nos homens e nos animais. Ela permeia o mundo inteiro, do reino inorgânico até a matéria bruta mais inconsciente. Eis a razão por que todos se opõem ao devir, à mor-

⁵⁴ SCHOPENHAUER apud REDYSON. *Metafísica do sofrimento do mundo*, p. 56.

⁵⁵ JANAWAY, C. *Schopenhauer*, p. 141.

⁵⁶ Cf. REDYSON, D. *Metafísica do sofrimento do mundo*, p. 55.

te⁵⁷. Seu poderio, portanto, é inquestionável. Fugir de suas presas parece algo fugaz e distante. A única possibilidade de aniquilar esta vontade de viver que nos domina é combatê-la em sentido oposto, ou seja, ao invés de afirma tal ímpeto, a solução é negá-lo. Neste ínterim, a humanidade reconhecerá que perecer e permanecer são escritos da mesma página, a morte não figurará como saída, pois a Vontade estará sempre a espreita, se refazendo nos novos indivíduos. “Uma finalidade sem necessariamente um fim”⁵⁸.

A indagação crucial ao qual desemboca o pensamento schopenhaueriano é a seguinte: como fazer do querer um não-querer? Aniquilando a Vontade, negando o desejo irracional de viver, esfacelando a dimensão do sofrimento que lhe é intrínseco. Esse momento de aparente salvação significa renunciar à própria vida e tudo o que ela oferece. Negado-a, nego minha essência, a vontade de viver.

57 Cf. NICOLA, *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*, p. 378.

58 REDYSON, D. *Metafísica do sofrimento do mundo*, p. 57.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CACCIOLA, Maria Lúcia M. O. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: EDUSP, 1994.

JANAWAY, Christopher. *Schopenhauer*. São Paulo, 2003.

MAIA, Muriel. *A outra face do nada: sobre o conhecimento metafísico na estética de Arthur Schopenhauer*. Petrópolis: Vozes, 1991.

NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2002.

PERNIN, Marie-José. *Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

REDYSON, Deyve. *Metafísica do sofrimento do mundo: o pensamento filosófico pessimista*. João Pessoa: Ideia, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SALVIANO, Jarlee. O. *O niilismo de Schopenhauer*. 2001. 111 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

SIMMEL, Gerorg. *Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. .